

Heidegger “inocente”: um exorcismo da esquerda pós-moderna*

STEFANO G. AZZARÀ**

Nazismo e hitlerismo na filosofia

Não são poucos os intérpretes que, mesmo em tempos recentes, têm procurado reconstruir *a posteriori* a inocência de Martin Heidegger através de uma estratégia de esterilização, isto é, circunscrevendo os seus textos em um âmbito exclusivamente filosófico e reduzindo seu apoio ao nazismo a um equívoco de alguns poucos meses. Não obstante essas tentativas reiteradas, a força da objetividade tem feito que o debate sobre o filósofo de Meßkirch tenha terminado por ser cada vez mais um debate também e principalmente político, pois a política é na realidade a parte mais original de sua filosofia. Ou seja, de uma reflexão que do *Ser e tempo* até a Segunda Guerra Mundial se configurou como uma interrogação sobre a história e suas “leis” fundamentais de movimento, aquelas que assinalam a passagem de uma época histórica a outra. Era já assim nos anos 1930 e é assim ainda hoje, como confirmam os famigerados *Schwarze Hefte* [Cadernos negros], os cadernos de notas filosóficas que Heidegger elaborou de 1931 aos inícios dos anos 1970, e dos quais foram publicados recentemente como parte das *Gesamtausgabe* os primeiros três volumes (até 1941), sob os cuidados de Peter Trawny no âmbito de um meticuloso planejamento das obras do Mestre que tem relevância política em si mesma.¹

* Artigo originalmente publicado em *MicroMega: almanacco di filosofia*, n.2, 2015. Tradução de: Marcos Aurélio da Silva (UFSC), revista por Giulio Gerosa.

** Professor de História da Filosofia Política na Universidade de Urbino, Itália.

1 Ver E. Blum, *Die Marke Heidegger*, *Die Zeit*, 13/11/2014. Ver, sobretudo, S. Kellerer, “Reworlding the Past: The Postwar Publication of a 1938 Lecture by Martin Heidegger”, *Modern Intellectual History*, nov. 2014, p.575-602.

Nascidas como meditações pessoais e, portanto, mais explícitas que as lições ou que os textos pensados para a publicação imediata, essas *Überlegungen*, hoje parcialmente à disposição dos estudiosos, foram recebidas no debate filosófico como uma radical novidade, prenúncio de grandes e inesperadas revelações, e têm suscitado novas polêmicas sobre as relações entre Heidegger e o nazismo e sobre o seu papel na cultura europeia do século XX. A antecipação das notas filosóficas, distante do controle da *Klostermann Verlag* reportadas nos últimos meses pelos principais jornais europeus, tem tido consequências demasiado vastas, permitindo ultrapassar o muro defensivo dos intelectuais mais simpatizantes: também os acadêmicos que ligaram o próprio trabalho à repetição ou interpretação devota do “pensamento poetante”, e que sempre estiveram empenhados em pôr na sombra os seus compromissos políticos, tiveram que tomar conhecimento da brutalidade do léxico presente nessas páginas e têm posto em crise muitas das suas certezas.

O próprio editor dos *Schwarze Hefte*, Peter Trawny, referiu-se com amargura ao antissemitismo histórico ontológico (*seins geschichtlichen Antisemitismus*),² enquanto um dos mais importantes tradutores franceses de Heidegger, Hadrien France-Lanord, confessou ter ficado “profundamente aflito” com essa inaudita descoberta.³ Segundo Stéphane Zagdanski, “aqui um espírito excepcional perde a sua lucidez sob efeito de uma fascinação deletéria”, de modo que “algumas de suas frases assumem a forma de uma cretinice atroz e de uma imbecilidade muito comum”.⁴ A filósofa italiana Donatella Di Cesare, vice-presidente da *Martin Heidegger Gesellschaft*, revelou depois: “Após ter lido essas páginas fiquei aborrecida”, tanto que “o meu primeiro impulso foi o de me demitir do cargo de vice-presidente”.⁵ (Di Cesare publicou recentemente um livro que nasce do “escândalo” dos *Schwarze Hefte* e que é por muitos aspectos sintomático de tão repentina desilusão).⁶ Ao contrário, quem se demitiu na verdade foi o presidente dessa mesma *Gesellschaft*, o conhecido filósofo Günther Figal, o qual por sua vez admitiu, enfim, que “as frases antissemitas dos *Schwarze Hefte* são nojentas e terríveis. [...] Nunca pensei encontrar coisas do gênero em Heidegger”.⁷ Apenas François Fédiér parece obstinar-se, intrépido, a minimizar a questão e sustentar ainda que “essas frases, tiradas do seu contexto teórico, podem efetivamente parecer odiosas. Mas se recolocadas na lógica do pensamento de Heidegger não são de maneira alguma expressão de antissemitismo”.⁸

2 Eineneue Dimension, *Die Zeit*, 27/12/2013.

3 E. Acschmann, “Cahiers noirs”: vers une nouvelle affaire Heidegger, *Le Nouvel Observateur*, 7/12/2013.

4 G. Veneziani, Guerra Francia-Germania per il filosofo antisemita, *Libero*, 12/12/2013.

5 A. Gnoli, Martin Heidegger, *La Repubblica*, 18/12/2013.

6 D. Di Cesare, *Heidegger e gli ebrei. “I Quaderni Neri”*. Torino: Bollati Boringhieri, 2014.

7 Mastrobuoni, Günther Figal: Disgustose e terribili quelle frasi del mio Heidegger, *La Stampa*, 18/3/2014. Ver A. Carioti, Crise al vértice della Heidegger, *Corriere della Sera*, 23/1/2015.

8 E. Acschmann, “Cahiers noirs”: vers une nouvelle affaire Heidegger, *Le Nouvel Observateur*, 7/12/2013.

À parte essas resistências, às quais voltaremos, parece finalmente confirmada a posição corajosa de quem, como Emmanuel Faye – atraindo o desprezo e o ostracismo de grande parte daqueles mesmos intérpretes que hoje se descobrem repentinamente “traídos”, mas que permanecem relutantes à autocrítica – já há alguns anos tinha afirmado que com Heidegger ocorre “a deliberada introdução dos fundamentos do nazismo e do hitlerismo na filosofia e em seu ensino”. Ou que existe uma ligação profunda, no plano filosófico e não só biográfico, entre o pensamento de Heidegger e a experiência nazista.⁹ Trata-se, porém, de uma breve reparação. Estabelecido esse ponto é preciso de fato dizer que o debate em curso corre o risco de permanecer na superfície dos textos e de deixar escapar o cerne do problema. Ou de subestimar ainda uma vez *todo* o alcance do empenho político de Heidegger para reduzi-lo a um só aspecto, perdendo assim uma ocasião profícua de reflexão.

O estado de espírito (*Stimmung*) dominante nas reações indignadas aos *Schwarze Hefte* vem sendo caracterizado unicamente pelo escândalo frente à revelação inesperada do antissemitismo do filósofo.¹⁰ Trata-se de uma reação legítima e compreensível, mas não destituída de riscos. A esse respeito, de fato, é preciso ter muita atenção para não oferecer aos defensores *perinde ac cadaver* de Heidegger um fácil argumento de réplica. Se por antissemitismo se entende uma aversão aos judeus apoiada em bases raciais, de fato, essa acusação não tem nenhum sentido. Heidegger não amava certamente os judeus e estava mesmo pronto a discriminá-los. Todavia, as suas posições quanto à questão judaica, muito semelhantes às que foram expressas por Nietzsche na primeira fase da sua produção (no *Nascimento da tragédia* e em algumas conferências da mesma época, como aquela sobre “Sócrates e a tragédia”), não fazem nunca referência à raça em sentido biológico e à natureza. E embora essas posições resultem fortemente agravadas pelo contexto histórico objetivo, não é preciso cometer o erro de assimilá-lo *tout court* ao antissemitismo biológico: nunca, em suma, Heidegger se associou ao entusiasmo com as medições de crânio ou às perversões eugênicas do Estado nazista.

O “judaísmo mundial”

Exatamente como o liberalismo, o americanismo ou o socialismo, aos quais é aproximado, o “judaísmo mundial” de que Heidegger se lamenta repetidamente nos *Schwarze Hefte* não tem uma dimensão naturalista, mas cultural: é antes de tudo sinônimo de modernidade ou de humanismo. É sinônimo dos processos de democratização e de nivelamento – de construção do gênero humano, teria dito Lukács – que se desenvolvem há séculos sob o signo da técnica moderna, isto é, do

⁹ Heidegger: *l'introduzione del nazismo nella filosofia*. Roma: L'Asino d'oro, 2012.

¹⁰ Ver, para a língua inglesa, o debate no interior da *Los Angeles Review of Books*, disponível no site da revista: <https://lareviewofbooks.org>.

desenvolvimento das forças produtivas tornado possível pela revolução científica e pela afirmação do “prometeísmo” moderno (um comportamento a respeito do qual, segundo Heidegger, o capitalismo e o socialismo seriam só duas variantes intercambiáveis).

Como escreve o próprio Heidegger em sua linguagem esotérica, “a questão do papel do judaísmo internacional não é racial, mas metafísica” (“*die Frage nach der Rolle des Weltjudentum istkeinerassische, sondern die metaphysische Frage*”). E essa questão toca aos judeus enquanto são “aquele tipo de humanidade que, sendo absolutamente destituída de vínculos, pode assumir a tarefa ‘histórico-universal’ de erradicar do ser tudo que é ente”.¹¹ Nessa perspectiva, “o provisório fortalecimento do judaísmo (“*Die zeitweilige Machtsteigerungdes Judentums*”) não é a consequência de uma conspiração, como para Hitler ou Rosenberg, mas um tipo de missão metafísica ditada pelo “destino”: ele

depende do fato de que a metafísica do Ocidente, sobretudo no seu desenvolvimento moderno, ofereceu uma oportunidade para a difusão de uma racionalidade e de uma capacidade de cálculo que seria já completamente vazia mas que por esta via obteve um abrigo no “espírito”.¹²

Em suma, só porque “está acontecendo o fim da história do grande início do homem ocidental; um início no qual o homem foi chamado como guardião do ser, para depois derruir subitamente este chamado na pretensão de representar o ser na sua má essência de maquinação”,¹³ só porque na modernidade o homem se erigiu senhor do ente, ou pretende produzir ativamente a própria história e liberar-se da passiva tarefa própria de “guardião” do ser, é que naquele campo de luta entre potências metafísicas que é a modernidade mesma, “prevalece [...] o desenraizamento maior, aquele que não é ligado a nada e se põe a serviço de tudo” (“*siegt* [...] *die größere Bodenlosigkeit, die nanichtsgebunden, allesichdienstbarmacht*”),¹⁴ ou aquele judaísmo que mais que qualquer outro *ismo* revela-se em sintonia com o espírito da técnica moderna. O combate ao judaísmo e a necessidade de extirpá-lo se traduzem, portanto e em primeiro lugar para Heidegger, em uma luta “cultural” cujo objetivo é o de pôr fim à modernidade avançada e

11 “Menschentümllichkeit, die schlechthin ungebunden die Entwurzelung alles Seienden aus dem Seinal’s ‘weltgeschichtliche’ Aufgabe übernehmen kann.” Überlegungen XII-XV (Schwarze Hefte 1939-1941), GA Bd. 96, klostermann, Frankfurt a. M. 2014, p.243.

12 “[...] hat darin ihren Grund, daß die Metaphysik des Abendlandes, zumal in ihrer neuzeitlichen Entfaltung, die Ansatzstelle bot für das Sich breit machen einer sonst leeren Rationalität und Rechenfähigkeit, die sich auf solchem Wege eine Unterkunft im ‘Geist’ verschaffte” (ibid., p.46).

13 “Was jetzt geschieht, ist das Ende der Geschichte des großen Anfanges des abendländischen Menschen, in welchem Anfang der Mensch zur Wächterschaft des Seyns berufen wurde, um alsbald diese Berufung umzuwandeln in den Anspruch der Vorstellung des Seienden in seinem machenschaftlichen Unwesen.” Überlegungen XII-XI (Schwarze Hefte 1938-1939), GA Bd. 95, klostermann, Frankfurt a. M. 2014, p.95-96.

14 Ibid.

às suas consequências democráticas, igualitárias e até bolcheviques. Uma luta que – e isso deve ser dito mesmo depois da ulterior polêmica relativa à iminente publicação do volume 97 da *Gesamtausgabe*¹⁵ – não é certamente assimilável a uma proposta de extermínio, mesmo porque, em relação a essa ação criminal e desumana, tem um alcance muito mais vasto.

É claro então que se a crítica dirigida a Heidegger se concentra unicamente sobre o seu antissemitismo e se essa mesma crítica o associa a Hitler pensando ter ele qualquer coisa a ver com um antissemitismo de tipo naturalístico – ou, inversamente, se a referência é a um antissemitismo *passé partout*, que termina por absorver em si mesmo toda a história da filosofia ou da cultura ocidental, de Lutero a Kant e de Hegel a Rosenberg, como no livro de Di Cesare¹⁶ – essa crítica torna as coisas muito fáceis para defesas como aquelas que há pouco vimos fazer Fédier. Sua bela jogada consistiu em demonstrar a ausência de referências biológicas nos textos de Heidegger, fazendo notar como ele imputa ao judaísmo aquilo que é na realidade “um elemento característico do mundo contemporâneo” (“*ein Charakteristikum der heutigen Welt*”). Um mundo marcado por uma “*Weltlosigkeit*” (“ausência de mundo”), a respeito da qual o filósofo “vê [...] o judaísmo só como a primeira vítima sacrificial” (“*sieht [...] das Judentum nur als erstes Opfer*”) e não certamente como “*Grund*” (“o fundamento”, “a causa”).¹⁷ Não é o antissemitismo vulgar, portanto, o terreno do encontro entre Heidegger e o nazismo e nesse sentido os presumíveis textos “esotéricos” (secretos), como ocorreu mesmo com outros grandes filósofos antes dele, não oferecem nenhuma inesperada revelação. O que fazem é confirmar, ou quando muito aprofundar, o que os textos “exotéricos” (públicos) já havia tempos permitiam saber a quem quisesse lê-los sem tomar partido ou sem aquela perspectiva “de escola” que anteriormente era imputada exclusivamente aos intérpretes considerados hostis.

Na realidade, de fato, a proximidade de Heidegger ao movimento hitleriano – uma proximidade que de resto atravessa diversas fases ao longo dos anos – apresenta outros aspectos ainda mais importantes. Heidegger se aproxima do NSDAP, o partido nazista, porque espera do nazismo, como disse mais de uma vez no discurso do reitorado e em outros textos da época, uma “completa reviravolta do nosso *Dasein* alemão”.¹⁸ Ou uma revolução total, uma subversão integral que, a partir de uma reforma drástica do ensino superior e da universidade, penetrasse o modo de pensar, viver e produzir da Alemanha e da Europa. E isso para que, pondo fim à centralidade do sujeito na filosofia moderna, bem

15 O volume em questão é *Anmerkungen I-V (Schwarze Hefte 1942-1948)*, GA Bd. 97, Klostermann, Frankfurt a.M.; Ver D. Di Cesare, Heidegger: “Gli ebrei si sono autoannientati”. Nei nuovi “Quaderni neri” del filosofo l’interpretazione choc della Shoah, *Corriere della Sera*, 8/02/2015.

16 Ver D. Di Cesare, *Heidegger e gli ebrei*, cap. 2: “La filosofia e l’odio per gli ebrei”.

17 Er ist der falsche Verdächtiger, *Die Zeit*, 18/1/2014.

18 Deutsche Studenten, *Freiburger Studentenzeitung*, 3/11/1933. In: Schneeberger, G. *Nachlese zu Heidegger*. Bern: Suhr, 1962, p.135.

como do homem (do gênero humano) na história, fosse novamente possível dar espaço ao “mundo histórico-espiritual” (“*geschichtlich-geistigen Welt*”) além com suas “potências do existir” (“*Mächte des Daseins*”).¹⁹ Ou seja, traduzindo da sua linguagem hermética, para que fosse possível dar vida a uma mudança na concepção dominante do ser e da verdade. Premissa, por sua vez, da abertura de uma nova época histórica, com o definitivo fechamento da modernidade ou já de 2 mil anos de racionalismo socrático e enfim iluminista – ainda uma vez é Nietzsche que Heidegger tem atrás de si –, bem como de sua realização na democracia e no bolchevismo. Uma destruição da modernidade, portanto: é esta a perspectiva, inteiramente filosófica, na qual está inevitavelmente incluída também a hostilidade ao judaísmo; ao passo que, ao contrário, muitos intérpretes parecem hoje mudar os termos da questão, reduzindo-a a um efeito assessorio de um antissemitismo mais originário.

A pretensão de desenvolver um papel guia no âmbito do nazismo – a tentativa de *den Führer führen* (chefiar o chefe) e de estabelecer uma hegemonia própria no campo político-cultural nazista – irá falir bem cedo, mas Heidegger continuará a reconhecer-se nesse movimento e em seus objetivos políticos e até militares. Além disso, depois de 1934, o nazismo torna-se ainda mais transfigurado em chave metafísica, no âmbito de uma releitura dos fundamentos da filosofia que alcança a certa altura as formas de uma “história do ser”, ou de uma investigação sobre os pressupostos filosóficos e linguísticos da transição entre as diversas épocas históricas. É no curso universitário de 1935, *Einführung in die Metaphysik*, após ter lido as teses de Jünger sobre *Der Arbeiter e Die totale Mobilmachung*, que sua abordagem se aperfeiçoa. O problema filosófico-político do nosso tempo não é reagir de forma nostálgica à técnica moderna e aos processos de modernização e massificação da sociedade, os quais se difundem largamente também na Alemanha nazista, não é enfim a revalorização do *Blut und Boden* (sangue e solo), como ainda queria a parte mais atrasada da *Konservative Revolution*. O problema, como o próprio Ernst Junger e já antes dele Arthur Moeller van den Bruck tinham demonstrado, deixando para trás toda a nostalgia pelo *Ancien Régime*, é encontrar e educar o “tipo humano” capaz de padronizar essa técnica e esses processos perigosíssimos, sem deixar-se dominar por eles. E a Alemanha é exatamente aquele “país do meio” que, graças a suas profundíssimas raízes na tradição histórica, é capaz de desenvolver essa abordagem inaudita no âmbito da técnica e da indústria: escapar à nostalgia vil da comunidade agrária pré-industrial (com a qual não se produzem aviões, nem tanques de guerra), mas escapar também ao entusiasmo filotecnológico subalterno (com o qual as máquinas terminam por prevalecer sobre o homem e sobre o seu heroísmo individual).

19 *Die Selbstbehauptung der deutschen Universität* (27/5/1933), GA Bd. 16, Klostermann, Frankfurt a. M. 2000, p.108 e 115.

Equilíbrio e síntese de técnica e tradição: para Heidegger o nazismo parece capaz de produzir o protótipo do homem mais adaptado a realizar tal alquimia. Mesmo quando o movimento de Hitler se mostrará inadequado a essa tarefa, revelando-se inteiramente dominado por aquela modernidade e pela técnica que deveria dominar, mesmo então, essa desilusão não se transformará nunca nele em uma dissidência interna, contrariamente ao que muitos de seus defensores têm pretendido demonstrar. Quando muito, essa desilusão se traduzirá na profecia de uma radicalização ulterior do próprio movimento.

O nazismo mostrou ser moderno na sua política de massas? Seria talvez o próprio nazismo a encarnação suprema da modernidade? E é então que ele deve realizar a fundo sua própria missão, acelerando o esgotamento dessa mesma modernidade, no sentido do “nihilismo ativo” já evocado por Nietzsche: destruir tudo que estiver pela frente e nessa destruição destruir também a si mesmo (o repulsivo conceito de “autodestruição” vale, portanto, em última instância para os alemães não menos que para os judeus). Tão forte será sua identificação com a Alemanha nazista e com suas escolhas políticas ainda mais catastróficas, que em 1943, em uma intervenção sobre Hölderlin, que os intérpretes classificam como de ordem estética, Heidegger – cujos filhos tinham combatido no *front* oriental no curso de uma guerra colonial privada de regras, bem diversa daquela conduzida pela Alemanha a Oeste, e bem mais brutal – produz uma espécie de transcrição metafísica do discurso de Goebbels sobre a guerra total. É assim que convida os alemães do *front* interno a estarem à altura do sacrifício dos soldados da Wehrmacht em Stalingrado e a se disporem ao extremo sacrifício de defender a pátria das hordas bolcheviques que se aproximam.²⁰

Extremamente ambiciosas, além de extremamente reacionárias, eram, portanto, as expectativas que Heidegger colocava no nazismo. Sua filosofia se revela de fato em sintonia com todas as dimensões desse movimento – a hostilidade à democracia e ao princípio de igualdade, a negação da própria essência genérica humana, a teoria e a prática do extermínio colonial, tudo que faz do nazismo a última e mais potente onda contrarrevolucionária da modernidade. Não é possível apagar hoje suas responsabilidades políticas, como não o era ontem. Condenar repentina e exclusivamente o antisemitismo de Heidegger, escandalizar-se unilateralmente só por uma parte do seu pensamento, retendo o restante sem se preocupar com seus aspectos não menos perigosos, ou considerando-os secundários ou até mesmo legítimos, significa talvez salvar a própria alma. Mas desse modo o que se faz é prestar um péssimo serviço seja à filosofia seja ao próprio Heidegger, cujo pensamento não é nem compreendido nem respeitado na grandeza que guarda mesmo diante dessa sua imensa carga reacionária. Uma abordagem filosoficamente enganosa, que traz consigo um risco ulteriormente grave: o de

20 Hölderlins Dichtung “Heimkunft/An die Verwandten” (21/6/1943), GA Bd.4, Klostermann, Frankfurt a.M, 1981, p.9-31.

que, passo a passo, o próprio nazismo venha a ser reduzido a uma única dimensão, vale dizer, ao antissemitismo e seja deplorado unicamente por esse motivo. O que permitiria considerar todas as suas outras características essenciais como pecados perdoáveis e até coisas pequenas frente ao perigo do “totalitarismo” stalianiano.

Virada pós-modernista

Há, no entanto, uma razão para que essa ocultação das responsabilidades políticas de Heidegger prospere entre os pesquisadores democráticos e até mesmo entre alguns de esquerda; eles tendem frequentemente a ver e a pôr em questão somente o antissemitismo do filósofo, ao passo que estudiosos de orientação diversa, como Ernest Nolte, se revelam paradoxalmente mais atentos ao alcance político global do seu pensamento e, portanto, à dimensão integral do seu comprometimento. Limitando-se a denunciar só o antissemitismo de Heidegger, de fato, aqueles intelectuais defendem antes de tudo a si mesmos, já que suprimem a genealogia controversa de tantas posições que hoje dominam, sobretudo, no seu campo. Exorcizando atrás desse único tema a natureza reacionária do pensamento de Heidegger, eles evitam desse modo olhar-se no espelho, ou mesmo ocultam os elementos mais ambíguos presentes no seu próprio pensamento.

Certamente Heidegger, junto a Nietzsche, é de fato, em muitos aspectos, a verdadeira divindade tutelar de grande parte da esquerda intelectual contemporânea, nos estudos filosóficos como nos estudos históricos e nas ciências sociais. São Heidegger e Nietzsche, com a sua destruição dos fundamentos da metafísica, a fonte primária daquela crítica da modernidade que estimulou a virada pós-modernista nos anos 1970. A virada que através de Deleuze, Foucault e outros autores influenciou a Nova Esquerda, levando a uma total perda de legitimidade da tradição do pensamento dialético que se reportava a Hegel e a Marx e a sua substituição pelo diferencialismo e a hermenêutica (diferença contra igualdade; eventualidade contra progresso; liberdade individual absoluta contra liberdade em uma dimensão coletiva; interpretação lúdica e estética do mundo no lugar da sua transformação...), até tornar-se senso comum. E é, sobretudo Heidegger, além disso, que constitui ainda hoje a principal fonte de inspiração oculta de muitas teorias em voga, notadamente aquela do “descrescimento feliz” de Serge Latouche, na qual a condenação do hiperprodutivismo moderno põe lado a lado capitalismo e socialismo, operando uma deslegitimação radical do desenvolvimento das forças produtivas e uma total mistificação do funcionamento da sociedade capitalista.²¹

Como já observado, existe ainda hoje uma atualidade no pensamento de Heidegger como naquele de Nietzsche, e essa atualidade consiste em sua própria profundidade reacionária, e não naquilo que gostaríamos que tivessem dito e que frequentemente colocamos em suas bocas. Ambos, e bem antes de Adorno

21 Socialismo e capitalismo dividem para Latouche “o projeto sobre-humano de dominar a natureza que é a base da modernidade” (*Il pianeta dei naufraghi*. Torino: Bollati Boringhieri, 1993, p.197).

e Horkheimer, nos ensinaram a colher a dimensão agressiva e até exterminadora que o iluminismo e os ideais universalistas modernos podem assumir, quando esse patrimônio em si positivo – a confiança na razão, os valores humanitários e pacifistas, os direitos do homem – é distorcido ou empregado de maneira instrumental. E quando, reduzido e incapaz de reconhecer a legitimidade do que é particular e os direitos daquilo que é diferente de si, pretende derrubar cada historicidade e colonizar cada parte do globo, exportando a “democracia” após tê-la lançado ao chão (pensemos nas tantas e hipócritas guerras humanitárias conduzidas pelo Ocidente em nome dos “direitos humanos”).

Certamente Heidegger (como Nietzsche) não esteve à altura de superar os limites desse universalismo falso e incompleto, que hoje como ontem é sinônimo de imperialismo planetário, em direção a um universalismo autêntico e pleno. E certamente, mais que pensar a fundo o nexos entre diferença e igualdade entre os homens, preferiu renegar ou distorcer a modernidade, vale dizer o projeto de emancipação universal do gênero humano, e associar o próprio nome àquele do experimento político mais desumano e catastrófico. Todavia, essa não é uma razão para repetir os seus erros, assimilando de maneira inconsciente as sugestões políticas mais controversas no momento mesmo em que nos iludimos de ter posto de lado toda contaminação pelo fato de ter denunciado – como é justo fazê-lo – o seu antissemitismo.

Resumo

Limitar-se a condenar o antissemitismo de Heidegger procurando salvar sua filosofia é uma tentativa desesperada, porque o antissemitismo do autor do *Ser e tempo* não tem uma dimensão naturalística, mas cultural: para ele “judaísmo mundial” é antes de tudo sinônimo de modernidade, de humanismo. A filosofia de Heidegger deve ser rejeitada não (só) como antissemita, mas (sobretudo) enquanto intrinsecamente reacionária.

Palavras-chave: Heidegger, modernidade, antissemitismo, nazismo.

Abstract

Limiting itself to condemn Heidegger's antisemitism trying to save his philosophy is a desperate attempt, because the antisemitism of the author of *Being and Time* does not have a naturalistic dimension, but a cultural one: for him 'world Jewry' is above all synonymous of modernity and humanism. Heidegger's philosophy must be rejected not (only) as antisemitic, but (especially) as inherently reactionary.

Keywords: Heidegger, modernity, anti-Semitism, Nazism.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

CRÍTICA marxista

**Miséria na filosofia marxista:
Postone leitor do *Capital***
Jacques Bidet

A crise mundial e suas consequências
Maria de Lourdes Rollemberg Mollo

Lukács e a necessidade social da religião
Ranieri Carli

Ideologia e educação estética no cinema
Ronaldo Rosas

**Documento: Carta ao Comitê Central
do Partido Comunista**
Louis Althusser

41